

reflexões sobre

ARTEvisual

v.5 n.18 setembro 2024

***Arte Visual:
Autoria e Singularidade.***

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.5, No.18, setembro. 2024 – Arte Visual:
Autoria e Singularidade.

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Picasso “Autorretrato”

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Contemporaneamente não há mais certezas. Não se pode dizer que as manifestações artísticas visuais tenham algo em comum como era possível observar anteriormente. Quando se falava em Arte Egípcia, Grega ou Romana, Medieval, Renascentista, Barroca, Neoclássica era comum perceber traços ou referências estilísticas comuns em cada uma delas que definiam um modo de ser.

O advento do Modernismo possibilitou o surgimento de tendências, nomeadas por “ismos” que caracterizavam vanguardas, movimentos e atitudes não hegemônicas.

Contudo ainda era possível perceber, mesmo com variações, o pertencimento a uma ou outra tendência. Hoje em dia isto parece não ser algo relevante, pois quem cria o faz com toda a liberdade e autonomia estabelecendo seus próprios parâmetros, conceitos e proposições de tal modo que o que une as obras no contexto atual é, de um lado, a autoria e a singularidade, ou seja, a autonomia marca as diferenças entre as obras e artistas. As atitudes e condutas atuais são particulares e não dependem de semelhanças ou de traços comuns que caracterizavam os estilos ou escolas anteriores.

O conceito de Autoria se refere à capacidade de criar ou produzir algo. Em geral este termo é dedicado a indivíduos cujas habilidades cognitivas e/ou psicomotoras lhes possibilita a realização de obras próprias, sejam elas artísticas, científicas, utilitárias, processos, programas ou projetos de qualquer natureza. Para efeito legal a autoria é um direito e propriedade tanto intelectual quanto patrimonial sobre algo produzido por um ou mais indivíduos ou empresas. O exercício da autoria individual é um direito, uma opção e motivo de respeito e admiração.

Pelo menos é isto que se pode auferir do sentido decorrente do uso da palavra. A questão da autoria, hoje em dia, parece estar num processo de contínuo desgaste. O desenvolvimento de plataformas digitais interativas vêm colocando em xeque as questões: tanto de autoria quanto de propriedade intelectual e/ou material. As redes sociais e aplicativos criam relações diretas entre usuários e serviços onde tais questões se tornam subliminares e indistintas. Um campo de apropriação extenso e intenso a ponto de obliterar origens e simular produtos.

No contexto da Arte Visual, a Autoria se tornou um dos elementos de valor essenciais para garantir a origem e originalidade das Obras de Arte. Tal importância pode ser aferida ao reconhecer que tanto profissionais das áreas estéticas quanto das tecnológicas se tornaram Especialistas em análises de obras de Arte. Os experts ou peritos sobre determinados períodos artísticos, Obras de Arte ou artistas são essenciais para evitar enganos ou engodos provocados por falta de informação ou falsificação. Esta área é, em geral, chamada de expertise: conjunto de conhecimentos específicos.

No contexto tecnológicos áreas como as da química ou da física como radiologia, por exemplo, são de grande importância tanto para identificar materiais usados na elaboração de obras quanto em sistemas de radiação capazes de “ver” através de camadas de tintas ou estruturas internas de objetos, capazes de “datar” os períodos em que certas obras podem ter sido realizadas. Enfim, questões como autoria, originalidade, pertencimento e identidade são fatores de valoração estética e também econômicas, já que muitas obras pertencem a coleções particulares ou públicas.



Um exemplo disso, são as análises não destrutivas produzidas por meio de Micro-XRF, um método de Espectroscopia de Dispersão de Energia para guiar os Raios-X e indicar quais e onde estão os elementos constituintes de Obras de Arte produzidas por processos não homogêneos. Aqui uma varredura da “Virgem dos Rochedos” de Leonardo da Vinci. <https://essencistech.com.br/techtalks/2022/12/micro-xrf-e-a-analise-nao-destrutiva-de-artes-e-arqueologia/>

Um debate recente é a atribuição de autoria a uma obra de Tarsila do Amaral. A polémica instaurada num processo de validação tem ocupado as mídias de informação. A obra “*Paisagem 1925*”, teve a autoria contestada por um especialista, com isto, os responsáveis pela obra recorreram a análises técnicas. A partir de então a obra foi submetida a realização de processos químicos, para identificação dos materiais, em relação aos utilizados pela pintora e também à radiografia espectrográfica. Ao final o veredito técnico desmentiu o especialista e confirmou a autoria, tornando sem efeito a contestação.



“Paisagem 1925”, Tarsila do Amaral, 1925.

<https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/a-obra-nao-e-autentica-diz-especialista-sobre-tela-de-tarsila-do-amaral-na-sp-arte/>
https://www.terra.com.br/byte/autenticidade-de-obra-de-tarsila-do-amaral-e-confirmada-por-novas-tecnologias,b33cb8c364205bbb97454789e2d78f6b45kuiayr.html#google_vignette

Percebe-se, portanto, que a questão da Autoria não se refere apenas aos aspectos subjetivos e afetivos que motivaram os autores a escolherem e realizarem suas obras a partir de seus interesses e prazeres pessoais, mas também aos aspectos sociais, culturais e econômicos que incidem, queira ou não, sobre as Obras de Arte.

Colecionistas, marchands, galeristas, especialistas têm o maior interesse e obrigação de identificar, confirmar e garantir a autoria de uma obra que circula no ambiente artístico. Não se pode ignorar que tanto o valor histórico e cultural quanto o valor comercial dependem disto.

O mundo da Arte não está isento de falsificações e estratégias para burlar o sistema. A questão é como atuar neste ambiente para preservar a identidade de autores e obras de Arte. Um dos falsificadores de Obras de Arte mais recente é Wolfgang Beltracchi. Sua atuação no campo da falsificação ocorreu entre 1980 e 2011, quando foi condenado a seis anos de prisão na Alemanha. Até aquele ano havia angariado mais de 35 milhões de euros. Atualmente, já liberto, optou por uma carreira honesta. Suas últimas produções são NFTs.



Beltracchi se dedica atualmente ao seu projeto, intitulado “The Greats”, uma coleção de 4.608 NFTs, disponíveis no blockchain Ethereum. Na qual desenvolve uma série de “Recriações” de obras famosas como, por exemplo, “*Salvatore Mundi*” de Leonardo da Vinci, usando por base formal referências a estilos de períodos e artistas conhecidos. Neste caso, pelo menos a autoria é sua.

Em 2006, segundo o site Artlyst, revelou que Richard Silver, um corretor de imóveis, fotógrafo e investidor em Obras e Arte, adquiriu no site de compras Ebay, algumas obras da série “Spots” de Damien Hirst, e as revendeu, em 2008, no mesmo site para compradores da Grã-Bretanha, Canadá e Estados Unidos. O mais grave é que Richard Silver também enviou certificados de autenticidade das obras, também falsos. Sendo processado alegou que apenas os repassou pois os documentos de validação das obras teriam sido entregues com elas.

Durante o processo movido contra ele, acabou admitindo o engodo sendo condenado à prisão e ao ressarcimento dos valores às pessoas que havia ludibriado.

Outro caso, relacionado a estas falsificações, surgiu em 2020, quando *Sebastian Shakespeare*, denuncia no *Scottish Daily Mail* que o próprio Damien Hirst havia adquirido uma destas obras no mesmo site de vendas pelo valor de 10 libras e a teria assinado. Com isto instaurou-se uma nova polêmica: uma cópia ou falsificação poderia ser reconhecida como Obra de Arte?



Aqui uma das obras da série “Spots” motivadora da controvérsia.

Hirst tanto polemiza a questão da autoria, quanto admite a presença das “cópias” numa espécie de mercado paralelo e escuso no qual as reproduções podem concorrer com as Obras de Arte. Isto não é incomum no contexto ou no mercado de Arte na medida em que fazer cópias de Obras de Arte sempre foi uma fonte de renda para muitos artistas, a questão é que uma cópia, assim identificada, não concorre com as obras originais, no entanto, uma falsificação sim. Ao assinar a falsificação Hirst reverte o processo convertendo-a numa simples cópia.

Ao assinar uma obra falsa Hirst não estaria contribuindo para a manutenção deste engodo e reforçando outras pessoas a fazerem o mesmo? Segundo sua assessoria, ele apenas assinou a obra e a mantém em sua coleção pessoal e não pretende vendê-la. O fato de Hirst ter assinado uma cópia de uma de suas obras e, segundo consta, também a teria batizado de “Antibiótico”, metaforizando o fato de matar a bactéria da falsificação, coloca em xeque a questão da validade “autorizando-a” como sua e a pergunta que não quer calar: Hirst teria coragem de revende-la?

A Autoria é essencial para o funcionamento do Sistema de Arte e quando situações como estas surgem há uma onda de insegurança exatamente pelo fato de que muitas outras obras que circulam podem ser questionadas quanto à sua autenticidade e validação. A Autoria não diz respeito apenas a quem tem a capacidade de produzir algo, pois como se vê uma Obra de Arte também pode ser reproduzida, copiada, imitada, falsificada por outrem que não o autor. A garantia é que a Autoria esteja vinculada à identidade do autor.

Uma Obra de Arte, portanto, para ser validada ou ter validade, depende tanto da autoria quanto da origem, ou seja a garantia de que quem a produziu foi de fato quem a subscreveu. Neste aspecto há uma outra questão em pauta: a do estilo ou da singularidade que uma obra apresenta em relação a quem a produziu. É fato que grande parte das Obras de Arte possuem elementos identitários que revelam características impostas por seus autores o que, de modo geral, se conhece como Estilo. Estilo são traços e marcas decorrentes dos modos e procedimento pessoais dos autores.

É comum identificar pessoas pela caligrafia, os estudos de grafologia destinados a reconhecer se uma assinatura, letra ou texto pertence a alguém em especial. O mesmo se pode dizer em relação ao estilo de um artista. Ao longo do tempo o estilo foi uma das maneiras de atribuir autoria. Especialistas em análises de autores usam este critério com bastante frequência já que as particularidades impostas à obra durante o processo de criação revela elementos como gestos, direções, toques em superfícies, escolha de cores, valores luminosos, organização estrutural entre outras características.

Conhecer o estilo de um período, um movimento, um autor sempre foi um elemento importante para dar validade às obras de Arte. Durante muito tempo este foi um critério de valor especialmente quando vinculado a artistas com respeito no meio social ou no mercado de Arte. Ter a certeza de que uma obra é de algum autor valorizado é relevante para quem a possui, seja colecionador ou instituições públicas ou privadas. Quanto mais perceptível e inteligível o estilo de um artista famoso maior é a distinção que a obra ou sua posse revela. Estilo é também qualidade distintiva.

Entre estas duas obras, qual seria a melhor escolha considerando o estilo: *Criança com pomba* ou *Mulher com vaso de flores*?



Embora nas duas os temas sejam singelos, criança com pomba e mulher com vaso, é provável que a escolha recaia sobre a segunda, pois o estilo se mostra mais atual e passível de reconhecimento autoral. Ambas são de Picasso, de 1901 e 1932.

Não há dúvida de que o critério de estilo seja relevante, no entanto, no contexto contemporâneo, ele já é menos eficiente considerando que, nem sempre, as obras atuais revelam em suas estruturas físicas ou registros, a interação motora de seus criadores, principalmente as que não foram produzidas pelas mãos deles. É o caso de intervenções, instalações e das imagens técnicas. Neste caso, a documentação sobre as obras acaba sendo também uma fonte relevante de credenciamento. As obras de muitos artistas já foram tantas vezes reproduzidas que são quase de conhecimento do senso comum. Isto ajuda na consolidação de um estilo.

Resta falar um pouco da Singularidade. A singularidade se traduz por qualidades ou características de algo que distingue de outros semelhantes. É alguma coisa especial, distintiva ou original que gera destaque. Não diz respeito necessariamente a valores materiais ou econômicos, mas a aspectos que destacam algumas coisas de outras e, por isto, são notadas, percebidas e até respeitadas. Uma pessoa singular é aquela que se destaca das demais por apresentar aspectos, aparência ou comportamentos distintos.

A busca pela *Singularidade* é um dos principais valores manifestos nas ocorrências contemporâneas e talvez a única coisa que as reúna seja a *sincronicidade temporal* por existirem ao mesmo tempo, independente de aparências, estilos, escolas, tendências, proposições, modos e meios de existência. Não parecem ser mais possível definir *a priori* o que se pode classificar como Arte, mas sim analisar as proposições empreendidas por quem as realiza de acordo com personalidade, originalidade, identidade e demais aspectos que definem a *Diversidade Estética* que se vê hoje em dia.

Ao mesmo tempo, cabe ao espectador deixar de ser apenas quem vê ou aprecia uma dada obra, mas quem interage, dialoga, assimila, adota ou refuta as experiências estéticas. Não basta ver, mas apreender e interagir. A experiência estética não é apenas apreciativa, passiva e contemplativa, mas compartilhada, proativa, provocativa, reativa e interativa. Do mesmo modo que a Crítica de Arte não é mais uma maneira de qualificar ou identificar o que pertence ou não ao contexto artístico, mas de mediar a relação entre a produção artística para sua compreensão e conhecimento.

Neste sentido há uma preocupação contínua pela Singularidade. Quem produz Arte investe grande parte do tempo em pesquisas e proposições que visam distinguir sua produção das demais. É uma busca constante pela originalidade, pela personalidade de tal modo que seja possível distinguir artistas entre si e de todos. Ao mesmo tempo há uma busca reiterada pela *Diversidade* que, em síntese, é quase a mesma coisa que Singularidade. Ser Diverso é ser diferente, inusitado, distinto de outras manifestações de tal modo que isto se torne um valor estético, característica ou propriedade.

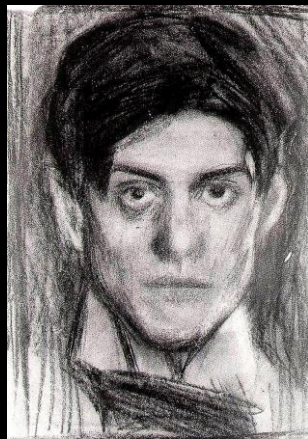
O que não se pode ignorar também é que a profusão de manifestações artísticas que ocorrem no contexto contemporâneo é intensa. Talvez esta época seja tão prolífera quanto foram outros períodos artísticos nos quais a produção artística atingiu grandes proporções em relação à época e proporcionais aos recursos econômicos e sociais. Períodos como o Renascimento e Barroco, por exemplo, foram momentos em que a produção artística atingiu grande número de produtores e Obras de Arte, que ainda alimentam boa parte dos grande museus.

Considero que a proliferação da produção artística atual surgiu a partir do Modernismo. A partir dele que o “desregramento” artístico passou a ser uma das tendências propositivas adotadas pela Arte Visual, o surgimento dos “ismos” pode justificar esta percepção. O século XX foi pródigo na expansão da produção artística. Tomando como referência o período compreendido entre o final do século XIX até meados do século XX, a quantidade de tendências, escolas, movimentos que surgiram se diversificaram de tal modo que não bastava mais classificá-los em estilos, era necessário ir além.

Para clarear recorro à imagem da capa desta edição: o último autorretrato de Picasso, de 1972, aos 90 anos. O conjunto de autorretratos realizados por ele ao longo de sua vida, 29 ao todo, é uma boa referência para a ideia de *Singularidade e Diversidade*. Neles é possível perceber as transformações dos modos de entender e produzir Arte. O primeiro deles é realizado em 1896, aos 15 anos, nele se percebe o vínculo com os valores tradicionais que, aos poucos, vão se dissipando a ponto de, aos 90 anos, excluir totalmente a visão mimética dos retratos convencionais transformando-os em simples alusões figurais.



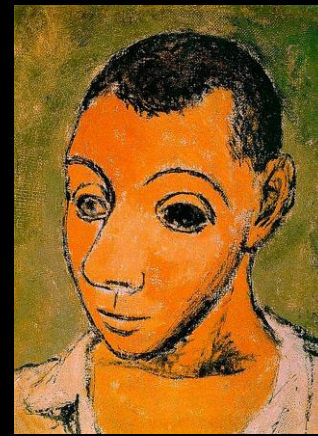
15 anos



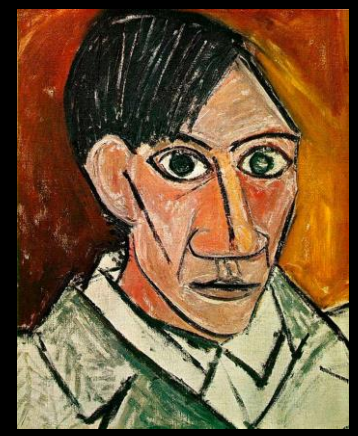
18 anos



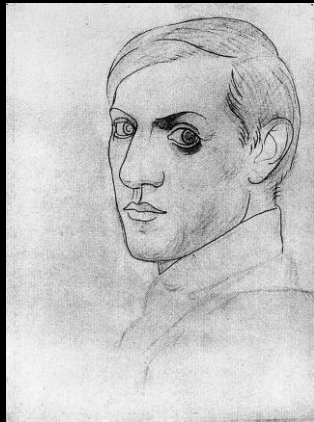
20 anos



24 anos



25 anos



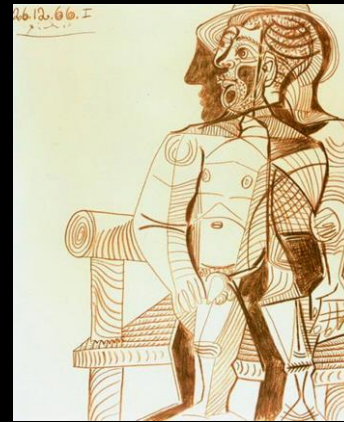
35 anos



56 anos



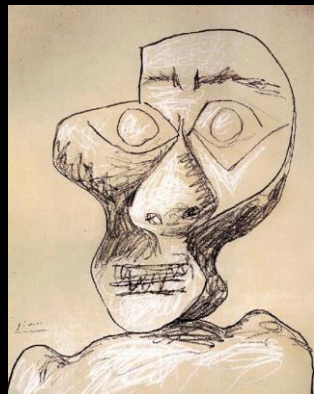
83 anos



85 anos



89 anos



90 anos



90 anos



90 anos



90 anos

O caso de Picasso é emblemático para entender as transformações pelas quais as manifestações artísticas passaram desde o século XX e nas primeiras décadas do século XXI. A longevidade Picassiana deu-lhe oportunidade tanto de imprimir quanto de vivenciar as grandes transformações pelas quais a Arte Visual passou no século XX. Nascido em 1881 e falecido em 1973, aos 92 anos de vida, pode acompanhar o percurso estético por, pelo menos, 80 anos o que lhe possibilitou uma visão bastante completa das mudanças artísticas daquele século, principalmente, o deslocamento da tradição para a inovação.

Identificar apenas as mudanças já não é suficiente, é necessário analisa-las entende-las, situá-las para explica-las à luz das transformações em curso. Não há mais “tempo histórico” para esperar que um dia alguém se disponha a revela-las. A urgência conceitual se torna também urgência acadêmica. As teorias dedicadas à Arte precisam agir com mais rapidez sob o risco de perderem o “trem da História”. Os vetustos críticos habituados à mesmice da produção artística tradicional perderam seu lugar para a academia e para a notoriedade das redes sociais.

Desde o surgimento das primeiras críticas dedicadas à produção artística, como as de Diderot sobre os Salões franceses, até meados do século XX, eram publicadas em veículos de circulação impressos, populares e abertos, em geral jornais e revistas. Era comum nestes veículos a manutenção de espaços culturais, dedicados à Arte como à literatura, música, teatro e arte visual. Com a redução do pelos veículos de comunicação impressos, os espaços dedicados à cultura foram diminuídos e, aos poucos, extintos. Ao mesmo tempo, que o interesse pela cultura também diminuiu.

Com isto a produção crítica passou a ser realizada nos ambientes acadêmicos das universidades. Isto limitou o acesso a ela e restringiu o seu alcance aos ambientes especializados do conhecimento. Ao somar estas duas circunstâncias, constata-se que a capacidade da crítica em informar, orientar e mediar o conhecimento sobre Arte reduziu substancialmente nas últimas décadas. Quanto às mídias de comunicação, ao enfrentarem o advento das mídias digitais e redes sociais, foram se distanciando cada vez mais deste campo de conhecimento dando espaço ao lugar comum.

Na maioria das vezes que as mídias digitais veiculam notícias sobre Arte, se trata de sensacionalismo, curiosidades ou polêmicas. Basta olhar nas páginas anteriores os exemplos aqui utilizados, em boa parte, foram veiculados como notícias sensacionalistas. A frivolidade e a superficialidade impera nas comunicações veiculadas pelas redes sociais. Tais ambientes se caracterizam por difundirem a mesmice, o banal, o insólito e o polêmico, algo que não se enquadre ou chame a atenção não é relevante, pois o que interessa é obter *likes* e não promover a informação e o conhecimento.

Não se pode esperar de uma sociedade que é cada vez mais desinformada se torne, de uma hora para outra, capaz de admirar, valorizar e compreender a Arte. A questão da formação educacional da população não tem sido uma prioridade, neste sentido há pouca chance de melhorias neste campo. Dentre as prioridades sociais, a da educação, embora seja relevante, não é tão importante como a da saúde, o que dirá das que lidam com a cultura e o lazer. Se as necessidades básicas não são atendidas, não é de se esperar que as demais sejam.

Pensar, produzir, teorizar e estudar Arte talvez pareça pouco relevante já que há outras demandas sociais mais emergentes e dependentes de cuidados e atenção. Contudo, deixar de fazer isto não muda o estado de coisas, não faz com que a realidade mude. Neste aspecto, quem sabe, seja justamente a Arte enquanto campo de reflexão e debate que ajude a entender melhor o ser humano e apontar caminhos para sua conscientização. Não se pode ignorar que ao longo do tempo a Arte sempre esteve presente e atuou como um elemento de ligação e conhecimento humano.

Por meio dela foi possível conhecer muito das primeiras eras da humanidade, do desenvolvimento socioeconômico e cultural de muitas civilizações.

Não se pode dizer que não será também um elemento que irá proporcionar, no futuro, o conhecimento sobre os seres humanos de agora.

Talvez seja a última coisa capaz de dizer algo sobre o presente.

Pense nisto...